

ISSN 2595-8801



Volume 1

n° 01

(2019)

7950

Unilogos®
7950 NW, 53rd Street (Suite 337)
Miami, FL (USA)

REVISTA CIENTIFICA

COGNITIONIS

suae quisque fortuna faber est

**LOGOS UNIVERSITY
INTERNATIONAL®**



AS PRÁTICAS DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Autor: Audry Marinho dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Cesar Dias Lopes, PHD

BULLYING PRACTICES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Author: Audry Marinho dos Santos

Advisor: Dr. Gabriel Cesar Dias Lopes, PHD

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as práticas de bullying no contexto de uma escolar. Pois suas consequências são cada vez mais negativas para os envolvidos. Sobretudo para as crianças ou adolescentes vítimas da prática do Bullying. Diante disso, pretende-se mostrar primeiramente o conceito e a historicidade que envolve o Bullying, além dessa prática dentro das instituições de ensino e como a escola pode prevenir essa prática que vem sendo cada vez mais frequente. Nesse sentido, desenvolveu-se uma pesquisa do tipo bibliográfico que revelam as consequências do fenômeno para a vida do adolescente vítima e agressor. Em cujo resultado contata-se que as práticas de bullying dentro do ambiente escolar são preocupantes para o perfil de todos os estudantes, professores e etc. Dessa forma, é necessário que professores, família e estudantes reflitam sobre a importância e necessidade de se lutar por uma educação melhor e a rápida extinção

de qualquer prática que se assemelhe ao Bullying

Palavras-chave: Bullying. Ambiente Escolar. Consequências.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças sociais que ocorrem no mundo trazem para a sociedade distintos problemas, que podem estar ocasionados às questões econômicas, culturais e sociais. Além disso, são fatores que interligam na formação e no desenvolvimento do aluno.

Nessa perspectiva, a escola, junto com o professor, deve diferenciar a indisciplina ou até mesmo as brincadeiras cotidianas do contexto das agressões físicas, verbais casuais, consideradas bullying. Por isso, faz-se necessário o trabalho de pesquisa no sentido de identificar as práticas de bullying na escola e as brincadeiras que são praticadas entre adolescentes que são perceptíveis no cotidiano escolar.

Com relação às consequências das manifestações de bullying advindas de intimidações, apelidos e ameaças, sabemos que é um problema que existe em todas as escolas, mas é pouco conhecido e debatido no sentido de precaução das práticas de agressões no ambiente escolar. Entretanto, é uma dificuldade que acontece na adolescência, na qual essa fase surge as inquietações e as rebeldias que ocasionam a possibilidade de apresentar comportamentos rebeldes e ações delinquentes de agir com os colegas.

O bullying é visto com um olhar mais específico no Ensino Fundamental, no qual as personalidades são distintas entre os discentes e também porque se refere ao modo de agir de cada ser que frequenta os espaços escolares. Portanto, cada um representa o seu temperamento, afinal todos possuem características hereditárias próprias.

Grandes teóricos e pesquisadores foram responsáveis por subsidiaram esse trabalho, sendo possível apropriar-se de conhecimentos referentes à temática da pesquisa e sua amplitude na qual se deduz que independente da classe social ou do lugar, há sempre ocorrência de violência, e esta, no entanto, manifesta-se de forma diferente.

Esta pesquisa tem como principal intuito promover um estudo relacionado às causas que as manifestações da ação bullying entre adolescentes evidenciam no ambiente escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BULLYING: DEFINIÇÃO E HISTORICIDADE

O presente capítulo aborda o tema Bullying, uma problemática que tomou grande proporção no decorrer das décadas nos países do norte da Europa e torna-se preocupante por ser uma violência que agride os mais fracos, somente pelo prazer de massacrar e sentir-se bem pelo que faz. A respeito do caráter trágico desta mazela e sobre a questão da necessidade de tornar claro quem são os líderes do bullying escolar, vale ressaltar o conceito de forma sucinta que Silva contextualiza:

Assim como acontece na tragédia grega, o bullying também é constituído de personagens e enredos, que nos despertam terror, compaixão e empatia. No entanto, de forma diversa, felizmente, o bullying pode ser identificado, combatido e enfrentado por todos que heroicamente lutam para mudar o rumo dessa história. Para isso, precisamos distinguir e classificar os protagonistas dessa dramática realidade (SILVA, 2010, p. 37).

Nesse aspecto, a palavra bullying vem de origem inglesa, na qual bully (agressor, valentão), se refere ao mais forte que agride o mais fraco. O bullying possui uma definição universal que envolve uma ação consciente de comportamentos agressivos, intencional, humilhante e repetitivo que ocorrem sem nem um motivo objetivo, no entanto em um grupo ou mais de alunos que se agrupam para causar

angústia, sofrimento e sérios problemas psicológicos.

Vemos que cotidianamente nossas crianças e adolescentes estão cada vez mais expostos aos tipos de violência que se encontram dentro do âmbito escolar e que estão relacionados às agressões que se apresentam do comportamento ingênuo de não perceber que o outro é prejudicado pelas ações das práticas insignificativas. Entretanto, o reconhecimento do bullying dentro da escola se torna difícil devido ser um público em que as brincadeiras e discussões naturais da idade também acontecem entre os colegas.

Dessa forma, a escola se torna um espaço no qual as práticas de bullying acontecem de maneira a prejudicar a capacidade moral do aluno de se desenvolver dentro do processo educativo. Apesar de ser um termo que quase não achamos em dicionários, sua tradução faz com que de forma significativa haja o processo de estudo e prevenção das formas agressivas e intencionais de tratar o outro pelas suas maneiras de desigualdades.

O bullying já se repercutia na escola há muito tempo, porém não era reconhecido como uma problemática. No entanto, o estudo começa a se tornar sistemático no início dos anos 70, na Suécia, na qual parte da população do país atentou-se para a quantidade de registro de violência praticada por estudantes e, além do mais, as consequências que estavam acontecendo dentro da escola.

A partir dessa iniciativa, os países do norte da Europa se interessaram em realizar o estudo científico para investigar o que estava ocasionando a manifestação da prática violenta entre os estudantes na ambiência escolar. E segundo pesquisas, foi na Noruega, no ano de 1982, que um episódio dramático e cruel marcou de forma significativa o termo e a ação bullying.

“Três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus-tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola” (SILVA, 2010, p, 111).

Vale ressaltar ainda, que o Ministério da Educação da Noruega, logo em 1983, inicia uma campanha com o objetivo de incentivar a reeducação e o combate ao bullying dentro das escolas. E se tratando de uma problemática que apresenta as mazelas do ato de suicidar, perseguir, intimidar, que Dan Olweus segue a sua linha de pesquisa e estudo.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega, iniciou nessa época um estudo que reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos. [...] O objetivo principal era avaliar as taxas de ocorrências e as formas pelas quais o bullying se apresentava na vida escolar de crianças e adolescentes de seu país (SILVA, 2010, p, 111).

Nesse contexto, a pesquisa de Olweus realizada com dados estatístico da proporção dos casos de bullying, também contribuiu para o desenvolvimento da campanha em nível nacional de prevenção ao bullying, tendo o apoio do governo norueguês, a participação da sociedade civil e de outros países, entre eles o Canadá, Portugal e a Inglaterra, todos em prol da consciência e proteção a respeito do bullying.

Em destaque, os Estados Unidos é um dos países em que o bullying causa uma preocupação maior com relação ao interesse em poder minimizarem esse problema, sendo que especialistas no assunto chegam a reconhecer como um conflito global. Dessa forma, os adolescentes e jovens têm uma grande possibilidade de futuramente se tornarem violentos e violarem as normas básicas de convivência diante da família, dos colegas no dia a dia escolar e também perante a sociedade.

“O bullying estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade auto-afirmação e de auto-expressão” (FANTE, 2005, p. 9).

Portanto, trata-se de um comportamento que impede a pessoa que sofre as agressões de ter uma vida

saudável, ou seja, o isolamento se torna uma maneira de estar seguro do perigo, seja de forma verbal ou física. Por isso, são situações que a cada dia despertam a curiosidade e o interesse em prevenir uma ação tão cruel que pode ter característica de brincadeira, mas tem consequências graves para o resto da vida de quem já passou por essas ações desumanas.

Salienta-se, ainda, que o bullying expõe uma variedade de comportamentos que tem gerado conflito e mudanças com relação aos sentimentos e relacionamentos das pessoas. Logo, o medo e a ansiedade da vítima que sofre ameaça acabam prejudicando no seu processo psicológico e no rendimento escolar.

O bullying consiste no conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro, causando dor, angústia e sofrimento. São comportamentos cruéis intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer. (FANTE, 2005, p. 28-29)

Nesse contexto, geralmente quem sofre esse tipo de intimidações são as pessoas consideradas frágeis a esse tipo de “brincadeiras” e zombarções maldosas. Dessa forma, são atos de agressões físicas e psicológicas intencionais e repetitivas que são praticadas a “olho nu” nos corredores,

nas salas de aula ou dentro dos banheiros escolares.

É importante ressaltar que o fenômeno bullying existe desde as antigas brincadeiras conhecidas ou chamadas de “mau-gosto”, na qual naquele momento já se revelavam as ações perigosas e as consequências que poderiam causar tanto de aprendizagem quanto de transtorno de comportamento, levando até mesmo ao suicídio e homicídio entre colegas. Por isso, podem ser citados como exemplo do resultado desses atos violentos nas vítimas: o pânico, depressão, a baixa autoestima e até mesmo a evasão escolar.

No Brasil, ainda há pouco estudo sobre o tema. Isto significa dizer que somente nos anos 90, a violência escolar no país passa a ser observada nos grupos de colegas com uma habilidade de seguir um comportamento fraudulento, como: o uso de drogas, formação de gangues, ocasionando o desenvolvimento das práticas agressivas e sendo considerada uma situação de insegurança.

[...] pela Confederação Nacional dos Trabalhadores de Brasília (CNTE), em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), cuja pesquisa revelou que os episódios mais corriqueiros de violência na escola foram o vandalismo, seguido de agressões entre alunos e, por último, os de agressão dirigida aos professores (PEREIRA, 2009, p. 35).

Dessa forma, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) realizou uma pesquisa para que comprovasse a existência de conflitos dentro do espaço físico da escola, como o uso do ato de ameaçar e ter dominações sobre a vítima.

2.2 BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Nesse presente capítulo iremos apresentar as formas e manifestações de bullying no contexto escolar. No entanto, quando falamos em escola nos remetemos ao contexto de mediação do conhecimento e autocrítica durante o processo do desenvolvimento da formação cidadã desse aluno. Entretanto, percebemos que esse espaço está sendo considerado um dos principais locais para a ação das práticas de bullying.

Nessa perspectiva, a escola deve além de repassar conteúdos que estão vinculados ao esqueleto de currículo já existente na escola, propor um trabalho que vise ao aprofundamento no estudo da ética, afetividade e convivência com os alunos. Pois, no que diz respeito à personalidade na adolescência, é uma etapa que compreende a mudança na conduta de se comunicar e expressar os seus sentimentos.

Dentro do ambiente escolar são observados insulto, empurrões, apelidos e agressões físicas que

acontecem entre os alunos. Isso nos remete a refletir a tamanha crueldade que o bullying tem em não permitir que o outro viva uma vida escolar saudável, perdendo assim o direito de exercê-la. A forma como esse fenômeno se apresenta na escola confunde os profissionais da educação no sentido de identificar o agressor e a vítima.

A agressão normalmente acontece em locais e ocasiões em que não haja adultos por perto, para que os agressores não sejam flagrados. Eles esperam que os colegas fiquem assustados e não digam nada, para impor sua lei do silêncio. Alguns agressores se comportam como bonzinhos na frente do professor, mas quando este sai da sala de aula, começam a intimidar alguém (CASTRO e BARBAZÁM, 2008, p.17).

Quando as brincadeiras acontecem de forma natural, na qual todos se divertem nesse momento, não podemos afirmar que há identificação de bullying. Constata-se como práticas de bullying, as manifestações por meio de tapas, chutes, beliscões, apelidos maldosos, xingamentos, intimidações e fofocas repetitivas com intuito de expor a imagem do adolescente ou jovem, sejam dentro ou fora do espaço escolar.

A luz de advertência se acende quando alguns de seus colegas de classe se recusam a ir à escola sem razões óbvias. Eles fingem ter uma doença, que será a

desculpa que usarão com seus pais para não irem à escola, em vez de admitirem que um grupo de colegas está tornando sua vida impossível (CASTRO e BARBAZÁM, 2008, p. 17).

A partir dessa visão, a escola tem que criar mecanismo que ande com o pensamento na formação do indivíduo nos aspectos sociais, éticos e morais, relacionados à vivência em comunidade e quebrando assim a ideia de individualismo no meio educacional. Com isso, estará ajudando no combate aos índices de agressões e represálias das manifestações de bullying no ambiente físico escolar.

É importante mencionar também que todos viveram em um grupo seja por meio direto ou indireto de nos relacionarmos. Apesar do processo de socialização ser lento, tem que ensinar os discentes a respeitarem o colega que apresenta características tímidas no seu grupo, pois cada pessoa tem a sua forma de interagir com outras, nem que seja transmitida por gestos.

Vale ressaltar ainda que a agressão é um comportamento mais perceptível no momento da aula, do recreio, da ida ao refeitório e são ações que o indivíduo lança-se contra o colega, com o desejo de intimidar e estabelecer o poder de valentão sobre a vítima.

“Nas filas da merenda e da cantina, os alunos exibiam alguns comportamentos que se tornaram comuns: empurrões, insultos e

agressões físicas, além de palavrões e sinais que demonstravam falta de respeito, de consideração e de cooperação entre eles”. (FANTE, 2005, p. 69)

Portanto, a mudança desse comportamento também se remete ao meio que está vivendo e aos estímulos que são correspondidos. Todo comportamento tem uma estrutura que liga as informações às situações que vivencia. Assim, o mesmo é capaz de passar por transformações dos hábitos repetitivos que passou e causou para outras pessoas. No entanto, caminhamos para trabalhar essa ideia de igualdade, respeito, solidariedade e união entre todos que participam da união escolar.

“A educação não pode ser mero instrumento do conhecimento para fins competitivos. A educação não pode ser reducionista em nenhum aspecto; deve ser ampla, na direção da formação de seres humanos completos, críticos e participativos, na direção da construção da cidadania” (CHALITA, 2001, p. 58).

São essas atitudes que a escola deve desenvolver para combater as práticas de agressões entre crianças e adolescentes dentro do cotidiano escolar. Sendo que, uma vez percebida pelo adulto, jamais veja como um ato ingênuo, pois são crueldades que costumam apresentar medo de frequentar a escola, e desinteresse nas aulas mediadas pelo educador. Por isso, a educação não

tem que ser uma simples máquina do conhecimento ensinado só para a competição, mas uma proposta reflexiva em que todos podem fazer parte com seus direitos e igualdades no processo participativo e construtivo de cidadania crítica.

Nessa perspectiva, as práticas de bullying podem se apresentar de forma direta e indireta. Trata-se da vítima que é agredida diretamente por meio de apelidos, ofensas, sendo o tipo encontrado geralmente entre meninos. Diante desta abordagem, na obra de Fante (2005), foi possível identificar nos depoimentos o sofrimento e o medo que os adolescentes passaram sendo vítima de bullying, e um dos aspectos que caracteriza esse contexto é de uma aluna da 3ª série, com 9 anos, que diz:

Minha vida escolar é muito ruim porque os meninos me colocaram um apelido que me deixa magoada. Queria resolver isso, mas não consigo. Finjo eu não ligo, mas não adianta nada, de qualquer jeito eles me xingam. Não sei o que fazer; falei para a professora, mas eles continuam assim mesmo (FANTE, 2005, p. 36).

Sendo assim, o bullying também acontece de forma indiretamente quando os ataques ocorrem através de fofocas, exclusão dos grupos e intrigas. É comum entre as meninas quando os hormônios estão aflorados para o início do namoro na adolescência e ainda por carregar o

egocentrismo com relação à amizade. Por isso, a adolescente no seu depoimento ressalta que:

Ana se lembra, ainda emocionada, da época em que foi vitimizada na escola. Os coleguinhas diariamente caçoavam da sua cor, já que era a única menina negra da classe. Chamavam-na de vários apelidos pejorativos e discriminatórios, excluindo-a das brincadeiras, o que a tornava cada dia mais infeliz. Com tristeza nos olhos, relembra que certo dia, pela manhã, tomou a decisão de entrar numa bacia com água e sabão e esfregar-se com muita força, desejando que a sujeira saísse de sua pele, conforme dela caçoavam os seus colegas (FANTE, 2005, p. 34).

De acordo com os exemplos acima, são depoimentos reais e somente os nomes são fictícios, mas que as vítimas sofreram expiações e aflições que perpassou durante todo o período escolar. Nesse sentido, independente da classificação o constrangimento e a violação dos direitos humanos, afeta de qualquer forma a capacidade de estar se desenvolvendo nas suas capacidades cognitiva, emocionais, isto é, todos os adolescentes envolvidos nessas práticas de intolerância e transtornos.

Além disso, as formas do bullying são caracterizadas por: manifestações verbal, física, psicológica e moral, sexual e virtual (cyberbullying). São maneiras de propiciar um ambiente

desfavorável quando se trata da formação cidadã do aluno.

Atrelado a esse aspecto, é um comportamento ligado à agressividade que pode ser confundido com outras condutas casuais. Segundo Constatini (2004, p. 42)

O bullying não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente, mas vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Para o autor, essas ações têm que ser diferenciada dos comportamentos ditos normais (agressões entre os alunos) comparados ao comportamento de bullying (que é causado de forma intencional e repetitiva contra a mesma vítima), separando as aflições que ficam determinadas nas pessoas que sofrem as dominações. No contexto escolar, as formas como são praticadas o fenômeno é de ser irreconhecível por parte de quem presencia e de quem sofre, justamente por não haver um conhecimento relacionado aos novos conflitos que invade a escola e que de forma silenciosa e bem técnica deixa-se grandes sequelas na vida da criança e do adolescente.

Relacionando as formas de bullying com a perceptível vivência escolar, todos nós já passamos ou sofremos por uma ação violenta na escola, pois às vezes nossas características ou até mesmo o jeito de se comportar educado na sala de aula e com os profissionais da escola é motivo de insultos e piadinhas. Entretanto, são essas pequenas atuações de educação por parte de poucos adolescentes que levam outros da mesma turma ou de salas diferentes a se recusarem a seguir as regras de convivência e passa a agir com o poder de manipular e destruir a identidade do próximo.

Constatou-se nos estudos realizados por especialistas na área do comportamento, que o uso da violência afeta o desenvolvimento da personalidade dos alunos, impedindo de realizar sua própria criatividade durante o desempenho escolar. Nesse sentido, a maneira como é apresentada as manifestações de bullying na escola evidencia que a problemática está presente a cada dia no cotidiano escolar

2.3 PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO BULLYING

Sabemos que no contexto escolar, alunos sofrem algum tipo de violência que vem disfarçada em forma de brincadeira. Nesse sentido, a escola tem o papel muito significativo na prevenção do ato violento que ocorre pelo bullying, por isso é preciso promover um ambiente em que as crianças, os adolescentes e os próprios pais tenham um lugar que

possam aprender novas ideias e medidas de combate à manifestação da prática agressiva tanto dentro de casa quanto na escola.

“Acreditamos, portanto, que a prevenção ao bullying deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis” (FANTE, 2005, p. 92).

Faz-se necessário, a partir dessa concepção, a escola contribuir com a formação do aluno, surgindo assim as práticas inovadoras para o processo pedagógico que possibilita a reflexão e a busca de conscientização do respeito ao próximo e da convivência em harmonia coletiva. Nesse aspecto, a escola junto com a família pode colaborar com a superação do fenômeno bullying, fazendo com que o ambiente de ensino seja o espaço criativo, acolhedor e estimulador do conhecimento e desenvolvimento cognitivo do aluno.

Escola (...) é aquela que respeita e que estimula os alunos a pensar. Que mostra a realidade que muitas escolas particulares escondem. [...] são escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua

função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel de socializador (MINAYO, 1999, p. 114).

Em razão dessa realidade, o espaço escolar tem que trabalhar proposta de ensino que esteja além do conteúdo curricular, ou seja, proporcionar momentos interdisciplinares que favoreça o estímulo e a participação das regras claras e objetivas de convivência. Por isso, na obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire abordava a questão da pedagogia libertadora na qual a educação tem a necessidade de viver essa liberdade de preconceitos, longe da violência, e dentro do espaço que se faça a conscientização dos alunos em exercer a cidadania pura e plena de uma sociedade.

Alia-se a esse fato a ideia de se construir uma educação em regras de convivência entre iguais, alunos, professores e demais funcionários. No entanto, a importância da afetividade e da solidariedade é de suma importância para o processo do relacionamento entre estudantes e, além do mais é uma maneira de valorizar as ideias compartilhadas, o respeito pelo jeito de se expressar com os colegas e para a sociedade.

É importante ressaltar ainda que a escola tendo a missão de formar cidadãos, a mesma não pode exercer sua função isoladamente. Ela faz parte de um contexto histórico, cultural, social, econômico e religioso que tem o objetivo de reconhecer as possíveis

causas das distorções na formação e desenvolvimento dos educandos.

“Por isso, a escola deveria ser um espaço democrático no qual o ensino se estendesse para além da instrução, a convivência fosse tratada de maneira democrática e os valores humanísticos fossem transmitidos pela educação dos sentimentos e emoções” (FANTE, 2005, p. 96).

Portanto, a elaboração de um planejamento escolar depende de vários requisitos que entusiasma na realização das atividades desenvolvidas dentro da instituição. São esses fatores que devem contemplar a participação de todos na ação de prevenção do bullying, por isso a comunidade escolar precisa estar integrada na organização dessas informações e redução do fenômeno envolvido na estratégia pedagógica.

A educação começa dentro da família, sendo este o primeiro contato da criança e, logo após o momento socializador, a conduz na prevenção da violência, sendo este um aspecto saudável da criança ter um bom desenvolvimento no relacionamento social. Assim, é no aconchego familiar que a criança ou adolescente deve encontrar o amor, segurança, conforto e os limites para convivência, sendo que a aproximação da família, a escola pode diminuir com o índice de agressões. Portanto, são os pais que por meio da conversa e da participação da vida escolar dos filhos que podem identificar o envolvimento com o bullying.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar as práticas de bullying e as brincadeiras manifestadas por adolescentes no cotidiano escolar, que de certa forma são vistas como uma problemática no ambiente escolar de modo geral, e por estarem relacionadas às consequências que as mesmas ocasionam no espaço escolar.

Percebe-se então, a dimensão de como a violência vem se representando na escola, dentro da família e na própria sociedade, porém essa estreita ligação se dá pela pouca importância da união desta tríade que fazem parte da construção coletiva e consciente do universo escolar. Nesse sentido, compete estar participando da verdadeira formação do cidadão nos seus aspectos sociais, familiares, críticos e conhecedor da importância da construção dos valores.

É nesse sentido que alguns pais não sabem tampouco a respeito do que se trata o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral do filho relacionado ao processo de ensino-aprendizagem. Portanto, faz-se uma reflexão de promover esta interação de família-escola para se juntarem e colaborem na construção de uma educação coletiva e participativa, a qual se vinculará ao bom desempenho dos alunos, superando as dificuldades e respeitando a diversidade cultural e social de cada aluno.

Diante disso, percebe-se também que o problema da violência no ambiente escolar influencia no processo ensino-aprendizagem, pois os fatos que dão origem à violência na escola são preocupantes, levam a sérias consequências, principalmente no que se refere ao rendimento na aprendizagem. Estando envolvidos com situações dessa natureza, os jovens tanto agressores como agredidos tendem a se desligar dos estudos, resultando em prejuízos na aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Manuel Armas; BARBAZÁN, M^a. Armas. **Violência na escola**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

FANTE, Cleo. **Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. 2. Ed. Campinas: Verus, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa et AL. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.